



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MISTÉRIO E FASCÍNIO: UMA LEITURA DO FANTÁSTICO NO CONTO “A  
MÁQUINA EXTRAVIADA”, DE JOSÉ J. VEIGA**

**MICHELLE DA SILVA LIMA**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2014**

**MICHELLE DA SILVA LIMA**

**MISTÉRIO E FASCÍNIO: UMA LEITURA DO FANTÁSTICO NO CONTO “A  
MÁQUINA EXTRAVIADA”, DE JOSÉ J. VEIGA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Letras e  
Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito para obtenção do grau de  
Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. M. Sc. Maria  
Fernandes de Andrade Praxedes

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732m Lima, Michelle da Silva.

Mistério e fascínio [manuscrito] : uma leitura do fantástico no conto "A máquina extraviada", de José J. Veiga / Michelle da Silva Lima. - 2014.

19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Msc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Máquina extraviada. 2. Fantástico. 3. Estranhamento. I.  
Título.

21. ed. CDD B869.3

**MICHELLE DA SILVA LIMA**

**MISTÉRIO E FASCÍNIO: UMA LEITURA DO FANTÁSTICO NO CONTO “A MÁQUINA EXTRAVIADA”, DE JOSÉ J. VEIGA**

**BANCA EXAMINADORA**

*Maria Fernandes de Andrade Praxedes*

\_\_\_\_\_  
Profa. M.Sc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes  
Orientadora – UEPB/ CAMPUS IV

*Francisco Vieira da Silva*

\_\_\_\_\_  
Profº. M.Sc. Francisco Vieira da Silva  
Examinador – UFPB/ CAMPUS I

*Marta Lúcia Nunes*

\_\_\_\_\_  
Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes  
Examinadora - UEPB/ CAMPUS IV

APROVADO EM: 25 de fevereiro de 2014

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2014

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

A todos que compõem o Campus IV da Universidade Estadual da Paraíba, em especial aos professores do Departamento de Letras e Humanidades, pelas proveitosas reflexões e discussões em sala de aula.

À minha Orientadora, Maria Fernandes de Andrade Praxedes, pela paciência, incentivo e sabedoria que muito me auxiliaram na conclusão deste trabalho.

A todos os meus colegas de Faculdade, em especial a Genilma, Morgânia, Poliana, Livanildo e Fia, pelos tantos momentos de estudo, dificuldades e companheirismo que passamos juntos durante esta jornada.

Ao meu esposo, Fábio, que pacientemente sempre me deu força, coragem e incentivo.

Por fim, a todos que direta e indiretamente contribuíram para minha formação acadêmica, OBRIGADA.

O fantástico não está fora do real, mas no  
sítio do real que de tão visível não se vê.

(Vergílio António Ferreira)

## **MISTÉRIO E FASCÍNIO: UMA LEITURA DO FANTÁSTICO NO CONTO “A MÁQUINA EXTRAVIADA”, DE JOSÉ J. VEIGA**

LIMA, Michelle da Silva – UEPB – Campus IV

PRAXEDES, Maria Fernandes de Andrade – UEPB – Campus IV

### **RESUMO**

O presente trabalho reflete acerca da presença do fantástico no conto “A máquina extraviada” (1967), de José J. Veiga, atentando para os elementos que determinam o estranhamento no leitor, a partir do comportamento inusitado dos moradores de um vilarejo diante de uma máquina inoperante que surge na frente da prefeitura da pequena cidade, cuja funcionalidade não se tem conhecimento. Na obra, a máquina simboliza o impacto da tecnologia naquele ambiente, pois há um conflito de culturas: a do universo interiorano que se deixa influenciar pela cultura do novo representada pelo progresso. Dessa forma, a estranha máquina torna-se objeto de adoração e até milagres lhe são atribuídos; o artefato muda as conversas e os hábitos da cidadezinha, de modo que tudo o que acontece de importante é festejado aos pés da máquina. Na referida narrativa construída numa atmosfera fantasiosa e absurda, encontramos uma linguagem simples, irônica e metafórica ao mesmo tempo em que reflete, essencialmente, sobre o contexto histórico da década de 60 que foi marcada por diversas transformações políticas, econômicas e sociais. Nesse sentido, evidenciamos como é instaurada a esfera fantástica no conto supracitado; assim, destacamos como aspectos relevantes a curiosidade, o suspense e a hesitação do leitor diante dos acontecimentos estranhos que conduzem o enredo. Para refletirmos sobre esses aspectos, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico na qual buscamos respaldo nas ponderações de Rodrigues (1988), Todorov (2007), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Máquina extraviada. Fantástico. Estranhamento.

## ABSTRACT

The present work reflects about the presence of the fantastic in the short story "A máquina extraviada" (1967), José j. Veiga, paying attention to the elements that determine the estrangement in the reader, from the unusual behavior of the residents of a village on a dead machine that appears in front of the Town Hall of the small town, whose functionality not known to exist. In the work, the machine symbolizes the impact of technology on the environment, because there is a clash of cultures: the universe which influenced provincial by the new culture represented by progress. Thus, the strange machine becomes object of worship and miracles are assigned; the artifact will change the conversations and the habits of the little town, so that everything that happens is important is feted at the feet of the machine. In that narrative built in fanciful and absurd, we found a simple, ironic and metaphorical language while essentially reflects on the historical context of the 60 that was marked by several political, economic and social transformations. In this sense, it was shown as is established in the aforementioned tale; Thus, we highlight how relevant aspects the curiosity, the suspense and the hesitation of the reader in front of strange events that drive the plot. To reflect on these aspects, we performed a search of bibliographical nature in which we seek backing in the weights of Rodrigues (1988), Todorov (2007), and others.

KEYWORDS: Machine misplaced. Fantastic. Strangeness.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1- BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS LITERÁRIOS DAS OBRAS DE JOSÉ J. VEIGA.....	09
2- AS NUANCES DO FANTÁSTICO EM “A MÁQUINA EXTRAVIADA”.....	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19

## INTRODUÇÃO

As narrativas fantásticas sempre fizeram parte do imaginário humano. Os famosos contos de fadas dos irmãos Grimm e as grandes epopeias de Homero são exemplos vivos desse tipo de narrativa que tem como principal característica elementos mágicos e sobrenaturais. No entanto, esse gênero literário é pouco produzido no Brasil. No século XIX, o fantástico surge em *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo e no estranho modo de narrar de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, romance narrado por um defunto-autor. A partir do século XX, as narrativas de caráter fantástico, mais precisamente no gênero conto, surgem de forma mais efetiva, com os autores da chamada era moderna, como Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião, José J. Veiga e Moacir Scliar entre outros.

As primeiras narrativas fantásticas visavam suscitar o medo e o espanto no leitor, apresentando monstros, vampiros, fantasmas, assombrações e lugares misteriosos. Porém, com o passar dos séculos o fantástico foi, aos poucos, se preocupando com situações mais complexas, deixando de lado os acontecimentos assustadores, para então, se preocupar o mítico e com as inquietações do ser humano diante dos avanços tecnológicos e científicos. A partir daí, as obras produzidas no século XX, para serem consideradas como pertencentes ao gênero fantástico, deveriam criar, no leitor, o efeito de surpresa, de estranhamento, ou mesmo de encantamento.

Este artigo apresenta uma leitura do conto “A Máquina Extraviada”, de José J. Veiga, no objetivo de discutir aspectos do fantástico presente na narrativa desse escritor goiano. Para tanto, tomamos os pressupostos teóricos de Selma Calasans Rodrigues (1988) e Tzvetan Todorov (2007) que tratam das definições e características do fantástico.

O trabalho está estruturado em duas partes: Na primeira parte, intitulada **Breves considerações sobre os aspectos literários das obras de José J. Veiga**, refletimos acerca dos elementos característicos e estilísticos do autor, situando-o no contexto de sua produção literária. Na segunda parte, discutimos **As nuances do fantástico em “A máquina extraviada”**, em que nosso olhar volta-se para a presença de elementos fantásticos no conto. Esses elementos responsáveis pela instauração do fantástico na obra objeto de estudo desenvolvem-se a partir do

estranho comportamento dos personagens em torno da presença de uma máquina cuja funcionalidade não se tem conhecimento. Inseridos em uma atmosfera de mistério e fascínio os moradores do lugarejo passam a idolatrar o objeto. Vale ressaltar que esse fantástico presente na narrativa veiguiana foge dos moldes do fantástico tradicional que tinha como elemento principal o aparecimento de fenômenos sobrenaturais.

## **1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS LITERÁRIOS DAS OBRAS DE JOSÉ J. VEIGA**

José Jacinto Pereira Veiga (J.J. Veiga) estreou na literatura no ano de 1959 com a publicação do primeiro livro de contos *Os cavalinhos de Platiplanto*, com o qual recebeu o prêmio Fábio Prado. Após publicar esse livro, Veiga não parou mais, de maneira que escreveu várias obras, dentre as mais significativas destacam-se: *A Hora dos Ruminantes* (1966); *A Estranha Máquina Extraviada* (1967) e *Sombra de Reis Barbudos* (1972).

Dada a simplicidade de sua linguagem, a fluência da narrativa e a singularidade dos enredos que arquiteta, J. J. Veiga tem sido elogiado pela crítica, que o considera um autor que retrata o sujeito do cotidiano, pois sua língua é a do homem do interior, os seus temas derivam da terra, dos homens predominantemente interioranos.

Todavia, J. J. Veiga não é apenas um ficcionista empolgado pelo regionalismo. Sua produção literária estende-se, também, para o âmbito do fantástico, do misterioso e do absurdo. Por essa razão, a crítica considera que o livro de contos *A Estranha Máquina Extraviada* reflete a naturalidade de um espírito na posse de todos os seus recursos; suas experiências jogam perigosamente com elementos do realismo para tentar obter o insólito. Na obra supracitada, acontecimentos externos emergem como elementos invasores que são tratados como elementos maravilhosos, uma vez que as personagens apresentam quase os mesmos comportamentos das personagens das narrativas maravilhosas diante do estranho, encantando-se com o elemento desconhecido e não conseguem compreender o seu sentido.

As temáticas recorrentes nas obras de Veiga são marcadas pela relação de opressão, invasão, conflitos entre o tradicional e o moderno, o urbano e o rural. Ganham espaços nas narrativas veiguianas personagens como homens misteriosos, animais que invadem residências, máquinas capazes de fascinar todo um vilarejo, mesmo quando não se sabe nada sobre sua utilidade. Essas situações estranhas e absurdas constroem elementos importantes, capazes de colocar o leitor para refletir e questionar sobre os fatos narrados.

Souza (1987, p.14), pontua bem essa característica temática recorrente na obra de J. J. Veiga:

O tema da invasão é marcante na obra de J. Veiga. É por ele que se vê a quietude pessoal e coletiva, perante um tipo de peste que assola o espaço da gente do bem, que vivia sossegada, e, de repente se vê às voltas com um novo sistema, ao qual seu conhecimento não tem acesso. Esse invasor ora é representado simbolicamente por cachorros e bois, ora são estrangeiros [...].

Dessa forma, o escritor goiano introduz em suas narrativas a simplicidade, os costumes e comportamentos típicos de habitantes inseridos em pequenas cidades interioranas. No desenrolar das histórias, tudo parece calmo até que acontecimentos estranhos quebram a rotina e causam grandes agitações.

Nesse sentido, Veiga descreve em suas obras as paisagens do interior de Goiás, privilegiando os espaços rurais e povoados que se encontram em uma realidade bem diferente das grandes metrópoles. As reflexões de Campedelli (1982, p.95) revelam bem esse aspecto:

O mundo que José J. Veiga traz para as páginas de seus livros retrata bem esse povo das “cidades miúdas”. Como ele fala. Povo que ainda não foi atingido em cheio pela dita civilização moderna e sequer ouviu falar em capitalismo. E, paradoxalmente, trabalha para ele: é esse povo que toca os latifúndios, planta a terra, tange o gado.

Nesse enfoque, Veiga aborda situações do cotidiano, mas com um toque inusitado. O desconhecido gera curiosidade, medo e deslumbramento diante do mundo ficcional no qual os personagens estão inseridos. Essa realidade inquietante é apresentada de forma implícita como denúncia social numa época em que o Brasil sofria com a dura repressão política. Os aspectos da denúncia social veiculados por

essas obras referem-se aos decênios de 60 e 70, que foram marcados pela ditadura militar e pelos avanços tecnológicos e industriais.

Durante esse período, o Brasil foi atingido negativamente pelo poder da ditadura no qual as perseguições e as opressões violentas reprimiram as manifestações políticas, sociais e culturais do país. Escritores, cantores, estudantes, políticos e anônimos, que se manifestavam contra essa dura realidade, foram presos, exilados e mortos. Para encobrir o cenário opressor, os ditadores defendiam a ideia de um Brasil em pleno desenvolvimento, isso ocorreu devido aos avanços tecnológicos e industriais que colocaram o país no ápice do progresso.

É nesse contexto que surge o conto “A máquina extraviada”, cuja temática denuncia a incapacidade do homem perante a rápida expansão industrial. Acerca desse tema, Rezende (2008, p. 138) destaca que:

Já na década de setenta, a história da máquina, que suga a força e os sonhos dos homens, é a metáfora da era industrial que vai pouco a pouco, substituindo os valores da raça humana e alienando a todos, para que se sobreponha o material sobre o espiritual.

No conto supracitado, J. J. Veiga utiliza o espaço de uma cidade interiorana como denúncia de uma sociedade que se vê perturbada pelo surgimento do novo, do desconhecido. Assim, o deslumbramento dos habitantes em torno do surgimento da máquina, que ninguém sabe ao certo de onde veio, quem a encomendou e qual a sua funcionalidade, denuncia bem a submissão do homem que está inserido em um contexto bem diferente dos grandes centros urbanos.

Essas diferenças existentes entre a cidade grande e a cidade interiorana são marcadas pelo acelerado desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e social, pois a rotina agitada e a rapidez com que as transformações ocorrem nos espaços metropolitanos divergem da tranquilidade e da simplicidade do interior.

## **2 AS NUANCES DO FANTÁSTICO EM “A MÁQUINA EXTRAVIADA”**

“A máquina Extraviada”, de José J. Veiga faz parte do livro de contos *A estranha máquina extraviada*, cuja primeira edição data de 1967. O conto em questão é narrado em primeira pessoa e o enredo é construído em torno do

aparecimento repentino de uma máquina que foi posta em frente à prefeitura de uma pequena cidade do interior.

O narrador, entusiasmado com a novidade que vem despertando a curiosidade de todos, relata o fato a um compadre por meio de uma carta. Sem saber ao certo quem a encomendou ou a que fim se destina, a estranha máquina tornou-se objeto de respeito e adoração dos habitantes da cidadezinha, e todas as festividades locais são comemoradas em volta da estranha engenhoca. Não há dúvida de que a presença da máquina na cidade é motivo de orgulho, cada vez mais ela ocupa espaço e muda os hábitos das pessoas, com exceção do vigário que, na visão do narrador, é “a única pessoa que ainda não rendeu homenagem à máquina [...]” (VEIGA, 2008. p.93).

No conto, pode-se observar que o tempo e o lugar são indefinidos, o episódio ocorreu em um pequeno vilarejo, um lugar à margem dos acontecimentos onde nada acontece de relevante, contudo a novidade desperta a atenção dos moradores da pequena cidade:

Você sempre me pergunta pelas novidades daqui deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma importante. Fique o compadre sabendo que agora temos aqui uma máquina imponente que vem entusiasmando todo mundo. Desde que ela chegou aqui não me lembro quando, não sou muito bom de lembrar datas quase não temos falado em outra coisa; o da maneira que o povo aqui se apaixonou até pelos assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém tenha brigado ainda por causa dela, a não ser os políticos. (VEIGA, 2008.p 90).

Pode-se verificar que no momento inicial o narrador relata um evento importante ao compadre que parece está distante e insiste em saber das últimas novidades. A partir desse momento, ele vai descrevendo as diversas reações da população diante da máquina. Contudo, o narrador não participa diretamente dos fatos, uma vez que tenta se eximir do mesmo comportamento das pessoas do vilarejo diante da máquina, mas ele tenta se imiscuir nos acontecimentos e posturas dos moradores.

O conto “A Máquina Extraviada” se enquadra na literatura fantástica, pois todo o enredo é permeado por inúmeras situações estranhas, como o comportamento absurdo dos personagens em relação à máquina; esse comportamento é o elemento principal para a instauração do fantástico. Nas

palavras de Rodrigues (1988, p.90) “o termo fantástico [...] refere-se ao que é criado pela imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, o fabuloso”. Essas características definidas pela autora são próprias no universo ficcional.

Dessa forma, em “A máquina extraviada” o narrador descreve de forma fabular um episódio ocorrido em um lugar não definido, os personagens simples e ingênuos passam a viver em um clima de mistério e fascínio diante de uma máquina inoperante. Segundo o dicionário Houaiss (2001), fascínio é um sentimento ou sensação de profundo encanto; deslumbramento ou encantamento. É assim que as pessoas do pequeno vilarejo se sentem em relação à presença da máquina no lugar.

A respeito do gênero fantástico Rodrigues (1988, p.14) pontua que “a mais antiga forma de narrativa é a fantástica”. Nesse caso, é possível citar as lendas, os mitos, os contos populares e maravilhosos que eram contados oralmente e passados de geração a geração. Os recursos narrativos encontrados nesse gênero envolvem mistério, suspense, terror e magias.

Nesse sentido, pode-se inferir que há a instauração do fantástico no conto em estudo, pois o mistério e o estranhamento residem exatamente no elemento invasivo que surge do nada para o nada, sem nenhuma explicação aparente, causando a estranheza no leitor. De acordo com Bosi (1975, p.14), “o fantástico irrompe como intruso no ritmo cotidiano, e o evento novo que poderia soar apenas imprevisto e aleatório, passam a exercer a função de um processo inexorável na vida de um homem”.

Segundo Rodrigues (1988), o gênero fantástico passou por diversas transformações ao longo do tempo. No século XVIII, as narrativas apresentavam temas assustadores e sobrenaturais, no século seguinte, os temas passaram a englobar o psicológico, cujo objetivo era explorar as angústias humanas como a loucura, e a partir do século XX, o enredo fantástico é constituído através de elementos incoerentes e absurdos. Logo o fantástico tornou-se importante no cenário da literatura contemporânea, devido aos problemas que o mundo moderno trouxe ao homem. Dessa forma, há uma busca da fantasia para discutir os conflitos do ser humano perante a essas transformações.

Diante das discussões acerca do gênero fantástico, Todorov defende uma teoria na qual define o fantástico como sendo “a hesitação experimentada por um ser que só conhece a leis naturais, face a um conhecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2007, p. 31). De acordo com o teórico, a hesitação do

leitor é fundamental para a existência do fantástico. Dentre tais proposições, o autor assinala que: “o fantástico implica, pois, uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados” (TODOROV, 2007, p.37).

Nesse ponto, a narrativa fantástica objetiva causar no leitor a sensação de dúvida e incerteza e, ao mesmo tempo, suscitar curiosidades diante de um acontecimento incomum ou situação inexplicável. Para Todorov (2007, p. 100), “o fantástico produz um efeito particular sobre o leitor – medo, ou horror, ou simplesmente curiosidade –, que os outros gêneros literários não podem provocar”. Nessa perspectiva, a essência do fantástico é essencialmente a hesitação do leitor que se revela no momento da leitura. Assim como Todorov, Rodrigues (1988, p.31) destaca que “o fantástico se nutre dessa incerteza, dessa hesitação face a um acontecimento extraordinário”.

Baseando-se nas ideias expostas, observa-se que o fantástico, em Veiga, configura-se através de eventos estranhos e extraordinários, ele rompe com o fantástico tradicional, cujos elementos predominantes são as aparições sobrenaturais e fantasmagóricas para adentrar em temas bem mais profundos e inquietantes ligados ao cotidiano do homem, ou seja, ao mundo real.

Nesse aspecto, a máquina que surge misteriosamente no vilarejo aponta para a expansão industrial urbana e o avanço tecnológico. Contudo, causa estranhamento às pessoas que vivem naquele povoado em virtude de não conhecerem sua funcionalidade. O título do conto revela que a máquina foi extraviada, ou seja, o destino da mesma não era aquela pequena cidade. Desse modo, um objeto considerado comum transforma-se em um elemento invasor cujo sentido representa o impacto causado pelo desenvolvimento industrial a um ambiente interiorano.

A respeito do ambiente, Bosi (1975) destaca que a ambientação interiorana emerge como um dos aspectos importantes das narrativas veiguianas. Segundo esse autor, J. J. Veiga “encrava situações de estranheza em contexto familiar, que evoca discretamente costumes e cenas regionais” (BOSI, 1975, p.20). O ambiente interiorano no conto é o espaço distante do progresso industrial, do qual as pessoas simples do lugar não têm conhecimento.

No conto em análise, Veiga consegue manter no leitor uma sensação de mistério e estranheza, pois no decorrer da leitura, não temos nenhum indício acerca

do tipo de máquina descrita pelo narrador. Pode-se constatar no trecho que segue, as situações estranhas manifestadas pelos personagens como os primeiros indícios do fantástico no texto:

Ninguém passa pelo largo sem ainda parar diante da máquina, e de cada vez há um detalhe novo a notar. Até as velhinhas de igreja, que passam de madrugada e de noitinha, tossindo e rezando, viram o rosto para o lado da máquina e fazem uma curvatura discreta, só faltam se benzer. (VEIGA, 2008, p.91).

Nesse sentido, o estranhamento do conto é provocado pelo comportamento um tanto inusitado dos habitantes que se curvam diante da máquina em sinal de adoração, fato que destoa da realidade, visto que o narrador explicita a inoperância do objeto. Assim, essas situações quebram a ordem da normalidade e apresentam o exagero como extraordinário, caracterizando assim o fantástico no texto. Vale, no entanto, resaltar que o efeito fantástico em “A máquina extraviada” não resulta na aparição de elementos sobrenaturais e sim do fascínio das pessoas pelo objeto, visto que são situações absurdas e incomuns de encontrarmos em nosso meio. Esse fantástico que beira ao estranho e ao absurdo apresenta-se com mais frequência no conto brasileiro contemporâneo.

Nessa perspectiva, pode-se definir o conto “A máquina extraviada” como pertencente ao fantástico estranho. Sobre esse aspecto, Todorov (2007, p.52) aponta que:

Nas obras que pertencem a este gênero, relatam-se acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mais que são, de uma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos [...].

Em relação às leis da razão citadas pelo autor, temos como exemplo o fato de ali está uma máquina, deixada por caminhoneiros, sem nenhum pedido de autorização pela prefeitura, mesmo sendo um fato explicável, para os personagens é um acontecimento singular, inquietante, insólito.

Fascinados com a presença da misteriosa engenhoca, os moradores a tratam com respeito, de modo que todos que passam pela máquina param para admirá-la. As festas e solenidades são comemoradas à frente dela. De fato, ela se torna a principal atração e objeto de cobiça de outras regiões vizinhas, mas o

prefeito da cidade, que não se deixa levar pelas inúmeras propostas dos visitantes, tratou logo de designar um funcionário para cuidá-la. A cidade tem sua rotina transformada, desde as crianças, as velhinhas, os políticos e até os homens brutos com fama de valentes a veneram. Isso pode ser comprovado no seguinte trecho em que o narrador nos coloca diante do comportamento exagerado dos personagens frente ao artefato:

Em todas as datas cívicas a máquina é agora uma parte importante das festividades. Você se lembra que antigamente os feriados eram comemorados no coreto ou no campo de futebol, mas hoje tudo se passa ao pé da máquina. Em tempo de eleição todos os candidatos querem fazer seus comícios à sombra dela, e como isso não é possível, alguém tem de sobrar, nem todos se conformam e sempre surgem conflitos. Mas felizmente a máquina ainda não foi danificada nesses esparramos [...] (VEIGA, 2008, p.93).

O acontecimento insólito presente nesse episódio mostra-nos o quanto a máquina tornou-se objeto capaz de fascinar todos a sua volta; entre uma atração e outra, os moradores temem que a máquina seja danificada, pois a mesma despertou o interesse dos políticos, todos querem realizar os comícios em torno dela.

Apesar de todo o cuidado dos moradores da cidade, houve um acidente envolvendo a máquina, que segundo o narrador, o culpado foi um caixeiro e, por tal descuido, recebeu como castigo a incumbência de cuidar do objeto venerado:

Ate agora o único acidente de certa gravidade que tivemos foi quando um caixeiro da loja do velho Adudes [...] prendeu a perna numa engrenagem da máquina, isso por culpa dele mesmo. O rapaz andou bebendo em uma serenata, e em vez de ir para casa achou de dormir em cima da máquina. Não se sabe como, ele subiu à plataforma mais alta, de madrugada rolou de lá, caiu em cima de uma engrenagem e com o peso acionou as rodas. Os gritos acordaram a cidade, correu gente para verificar a causa, foi preciso arranjar uns barotes e labancas para desandar as rodas que estavam mordendo a perna do rapaz. Também dessa vez a máquina nada sofreu, felizmente. Sem a perna e sem o emprego, o imprudente rapaz ajuda na conservação da máquina, cuidando das partes mais baixas. (VEIGA, 2008, p.94).

Nesse fragmento, percebemos o quanto a figura humana é desvalorizada perante o objeto adorado, pois ao perder a perna no trágico acidente o caixeiro foi designado a cuidar da máquina como consequência de sua atitude imprudente.

Dessa maneira, o absurdo apresentado nos trechos desperta no leitor uma sensação de dúvida e estranheza.

Para que esse efeito do fantástico se instaure, é preciso a participação ativa do leitor, pois este tem de perceber que algo na narrativa foge daquilo que é considerado habitual e corriqueiro. Nesse sentido, o narrador conduz o leitor a vivenciar os conflitos do enredo. De acordo com Adorno (2003, p.60), “o narrador ergue uma cortina e o leitor deve participar do que acontece como se estivesse presente em carne e osso”.

O narrador, embora não participe diretamente dos acontecimentos, deixa escapar, em algum momento, seu encantamento pela máquina, desejando que ela fique ali, bem conservada. Confessa ao compadre o orgulho que a máquina representa para a cidade, mas teme uma possível perda do objeto. Pode-se constatar a preocupação do narrador nos seguintes trechos:

Estamos tão habituados com a presença da máquina ali no largo, que se um dia ela desabasse, ou se alguém de outra cidade viesse buscá-la, provando com documentos que tinha direito, eu nem sei o que aconteceria, nem quero pensar. Ela é o nosso orgulho, e não pense que exagero. Ainda não sabemos para que ela serve, mas isso já não tem maior importância. (VEIGA, 2008, p. 92).

O meu receio é que, quando menos esperarmos desembarque aqui um moço de fora, desses despachados, que entendem de tudo, olhe a máquina por fora, por dentro, pense um pouco e comece a explicar a finalidade dela, e pra mostrar que é habilidoso (eles são sempre muito habilidosos) peça na garagem um jogo de ferramentas, e sem ligar a nossos protestos se meta por baixo da máquina e desande a apertar, martelar, engatar e a máquina começa a trabalhar. Se isso acontecer, estará quebrado o encanto e não existirá mais máquina. (VEIGA, 2008, p.94).

A figura do narrador no conto é um dos principais elementos que reforça a atmosfera fantástica da obra. Desse modo, o narrador de “A máquina extraviada” utiliza uma linguagem simples e direta, bem próxima aos moldes da oralidade, além de noticiar fatos curiosos e intrigantes que aconteceu em um povoado bem longínquo. Referindo-se a essa característica de narrador, Benjamin (1985, p.198) destaca que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.

Com base nos postulados de Benjamin (1985), o narrador exerce o papel de cronista, visto que ele relata de forma simples e espontânea as situações do cotidiano. Nesse sentido, é interessante ressaltar que no início do conto o narrador apenas relata ao compadre, uma espécie de conversa de compadres, o que ele vivenciou, mas aos poucos vai revelando seu fascínio pela máquina e declara o medo de que ela seja levada embora da cidade.

Assim, o conto de José J. Veiga aponta para fatos que se fundem entre dois mundos: um mundo real que se volta para a expansão industrial dos grandes centros urbanos, e um mundo irreal que tem a ver com a falta de conhecimento das pessoas sobre a existência desse avanço e dão outros sentidos para o estranho, o desconhecido, desencadeando a dúvida e o estranhamento no leitor.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conto “A máquina extraviada”, de José. J. Veiga, suscita uma reflexão entre realidade e ficção - dois mundos que se contrapõem para causar o estranhamento e a surpresa. A narrativa veiguiana surpreende pela instauração do fantástico que transcende até mesmo o senso comum, haja vista que o fantástico provoca a hesitação e a perplexidade diante das ocorrências incomuns e inusitadas que irrompem o real.

A leitura do conto supracitado permitiu-nos compreender o modo como a narrativa de Veiga se apropria da linguagem simples, nos moldes da oralidade, que nos transporta para além dos limites do cotidiano, para denunciar a inércia e a falta de conhecimento do homem diante da expansão industrial e tecnológica. Para isso, o leitor é envolvido em um universo fantástico e ao mesmo tempo estranho, que tem como cenário o espaço de uma pequena cidade do interior diante de uma estranha máquina, com a qual as pessoas ficam fascinadas, mesmo sem saberem qual a sua funcionalidade.

Nesse sentido, vale ressaltar, que o fantástico presente no conto de J. J. Veiga não consiste propriamente na ocorrência de uma ação ou objeto sobrenatural, mas naquilo que está fora do comum, no singular que é gerado pelo comportamento dos personagens perante o objeto desconhecido. Assim, pode-se inferir que Veiga chama a atenção para aquilo que se move e se transforma rapidamente na sociedade contemporânea, como é o caso do avanço industrial e tecnológico.

Espera-se, portanto, que essas breves reflexões sobre o conto veiguiano possam contribuir no sentido de despertar na comunidade acadêmica o interesse pela literatura contemporânea, sobretudo, pela obra de Veiga, a fim de encontrar os possíveis caminhos do fantástico que transcendem os modelos estabelecidos nos contos de fadas e lendas folclóricas e se voltam às questões do homem e da sociedade moderna.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Posição do narrador no romance contemporâneo**. Notas de literatura I. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.
- BOSI, Alfredo (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef. Sertão, sertões. In: **José J. Veiga: Literatura Comentada**. São Paulo: Abril, 1982, p.94-97.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.
- REZENDE, Irene Severina. **O fantástico no contexto sócio-cultural do século XX: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique)**. 2008. 241f. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>> Acesso em: 10 out. 2013.
- RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.
- SOUZA, Agostinho Potenciano de. **Um olhar crítico sobre o nosso tempo: Uma leitura da obra de José J. Veiga**. 1987. 174f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1987. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document> > Acesso em: 15 out. 2013.
- TODOROV, Tzvetan. Definição do fantástico. In: **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.29-46.
- VEIGA, José Jacinto. A Máquina Extraviada. In: **A Estranha Máquina Extraviada**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p.90-94.